

QUARTAS DE FINAL

França e Marrocos reúnem jogadores nascidos em nove países, com raízes familiares espalhadas por três continentes, e transformam jogo em retrato da globalização

Atualização da Torre de Babel

MARCOS PAULO LIMA
VICTOR PARRINI
ENVIADOS ESPECIAIS

Boston — A Bíblia conta que a Torre de Babel dispersou povos e multiplicou idiomas. A Copa do Mundo parece ter encontrado um caminho para reuni-los novamente. França e Marrocos inauguram as quartas de final com elencos que atravessam continentes e desafiam a ideia de que uma seleção precisa caber dentro das fronteiras.

O primeiro duelo entre as oito melhores seleções da Copa do Mundo lembra uma cerimônia de abertura. As duas bandeiras envolvidas escondem muitas outras. É um confronto que passa por Canadá, Espanha, Bélgica, Holanda, Inglaterra, Itália e diferentes países africanos. É um retrato de como a globalização redesenhou o futebol de seleções.

A tese de que a França é formada por jogadores de outros países é frágil, embora tenha ganhado novos capítulos nesta Copa do Mundo. Após a eliminação do Paraguai, a senadora Celeste Amarilla chamou Kylian Mbappé de “camaronês colonizado fingindo ser francês”, em um ataque racista motivado pela origem da família. Levantamento do **Correio** mostra outro retrato. Dos 26 convocados por Didier Deschamps, 22 nasceram em território francês. Apenas três vieram ao mundo fora do país: Michael Olise, na Inglaterra; Marcus Thuram, na Itália; e Brice Samba, na República Democrática do Congo.

Olise talvez seja o retrato mais emblemático dessa diversidade. Nasceu em Londres, atua pelo Bayern de Munique, na Alemanha, e escolheu defender a França. Filho de pai nigeriano e mãe franco-argelina, poderia representar quatro seleções diferentes. Preferiu a que, segundo ele, sempre sentiu como dele desde a infância.

A diversidade não está no passaporte. Está na árvore genealógica. Filhos e netos de imigrantes criaram raízes na França, foram formados nas escolas, clubes e centros de treinamento do país e cresceram sob o lema republicano de liberdade, igualdade e fraternidade. Hoje, representam a seleção como franceses.

Esse modelo é resultado de um projeto construído por décadas. Em 1973, a federação tornou obrigatória a criação de centros de formação pelos clubes profissionais. Hoje, o país conta com quase 40 academias, uma rede de mais de 300 observadores e 16 polos regionais de desenvolvimento, responsáveis por identificar e lapidar talentos desde a adolescência. O principal é o tradicional Clairefontaine, nos arredores de Paris, berço de gerações da seleção.

O investimento ajuda a explicar a influência francesa no futebol mundial. Nesta Copa do Mundo, quase 100 jogadores nascidos na França defenderam diferentes seleções, cerca de 8% dos 1.248 convocados. Não é coincidência que o país tenha se tornado o maior fornecedor de atletas para o próprio Marrocos.

As histórias de família ajudam a explicar o mosaico. Mbappé é filho de um camaronês e de uma argelina. Dembélé e Konaté têm origem no Mali. Upamecano, na Guiné-Bissau. Barcola, no Togo. Doué, na Costa do Marfim. Os irmãos Theo e Lucas Hernández são filhos de um espanhol. Já Michael Olise talvez seja o retrato mais emblemático a diversidade:

Lars Baron/AFP



Soufiane Rahimi é um dos sete jogadores de Marrocos nascido no país. Os demais reforçam um processo de globalização e recrutamento de talentos

LEVANTAMENTO / onde nasceram os convocados das seleções francesa e marroquina	
FRANÇA	MARROCOS
TITULARES	TITULARES
 Mike Maignan Cayenne, na Guiana Francesa	 Yassine Bounou Montreal, no Canadá
 Jules Koundé Paris, na França	 Achraf Hakimi Madrid, na Espanha
 Dayot Upamecano Évreux, na França	 Issa Diop Toulouse, na França
 William Saliba Bondy, na França	 Redouane Halhal Montpellier, na França
 Lucas Digne Meaux, na França	 Noussair Mazraoui Leiderdorp, na Holanda
 Adrien Rabiot Saint-Maurice, na França	 Neil El Aynaoui Nancy, na França
 Manu Koné Colombes, na França	 Ayyoub Bouaddi Sentlis, na França
 Ousmane Dembélé Vernon, na França	 Brahim Díaz Málaga, na Espanha
 Michael Olise Londres, na Inglaterra	 Azzedine Ounahi Casablanca, no Marrocos
 Bradley Barcola Lyon, na França	 Bilal El Khannouss Strombeek-Bever, na Bélgica
 Kylian Mbappé Paris, na França	 Ismael Saibari Terrassa, na Espanha
RESERVAS	RESERVAS
 Robin Rissier Colmar, na França	 Munir El Kajoui Melilla, na Espanha
 Brice Samba Linzolo, na RD Congo	 Ahmed Tagnaouti Casablanca, no Marrocos
 Maxence Lacroix V. Saint-Georges, na França	
 Ibrahima Konaté Paris, na França	
 Lucas Hernández Marseille, na França	
 Theo Hernández Marseille, na França	
 Malo Gusto Décines-Charpieu, na França	
 N'Golo Kanté Paris, na França	
 Aurélien Tchouaméni Rouen, na França	
 Warren Zaïre-Emery Montreuil, na França	
 Rayan Cherki Lyon, na França	
 Maghnes Aklouch NTremblay, na França	
 Désiré Doué Angers, na França	
 Marcus Thuram Parma, na Itália	
 Jean-Philippe Mateta Sevran, na França	

nasceu na Inglaterra, é filho de um nigeriano e uma franco-argelina e poderia defender quatro seleções.

Não por acaso, a seleção francesa tornou-se uma das maiores vitrines da integração do esporte. Os clubes e centros de formação receberam filhos e netos de sucessivas ondas

migratórias e ajudaram a transformar em atletas de elite. A camisa azul tomou-se o ponto de encontro de diferentes histórias sob uma mesma identidade nacional.

Marrocos seguiu o caminho inverso para chegar à elite do futebol mundial. Apenas sete dos 26

convocados nasceram no país africano. A espinha dorsal da equipe foi construída na diáspora. Há atletas nascidos na Espanha, Bélgica, Holanda, no Canadá e na França que optaram por defender a terra dos pais e dos avós, transformando a seleção em um símbolo da ligação

entre o país e as comunidades espalhadas pelo mundo.

Não foi um trabalho simples para a Federação Marroquina. A seleção não se formou por acaso nem por alistamento espontâneo. Foi preciso identificar talentos espalhados pela diáspora, apresentar um projeto

esportivo e convencê-los a vestir a camisa da terra dos pais e dos avós. O processo levou anos e transformou a equipe em referência na aproximação com comunidades marroquinas espalhadas pelo planeta.

O adversário das quartas de final ajudou, sem querer, a construir parte da equipe que tentará eliminá-lo. Oito dos 26 convocados de Marrocos nasceram na França. A Espanha contribui com cinco atletas, enquanto Bélgica e Holanda aparecem com três cada. O Canadá fecha a lista com um. O principal símbolo dessa diáspora é Achraf Hakimi, nascido em Madri. O goleiro Yassine Bounou, protagonista da campanha, veio ao mundo em Montreal.

A disputa entre França e Marrocos extrapolou o gramado muito antes das quartas de final. O principal exemplo é Ayyoub Bouaddi. Nascido em Senlis, na França, o meia de 18 anos percorreu todas as categorias de base da seleção e era tratado como uma das joias do país. Sem espaço na equipe principal, decidiu defender a terra dos pais. A troca de associação foi concluída em maio deste ano, poucas semanas antes da convocação para a Copa. Hoje, é titular absoluto de Marrocos e personifica a política da Federação de transformar a diáspora em projeto esportivo.

A partida de hoje será o sétimo encontro entre França e Marrocos. Os Bleus seguem invictos no confronto, com quatro vitórias e dois empates. O capítulo mais marcante dessa rivalidade foi a semifinal da Copa do Mundo de 2022, quando venceram por 2 x 0 no Catar e avançaram à decisão. Três anos e meio depois, a França preserva boa parte da base daquela campanha, com sete remanescentes entre os titulares.

Marrocos se reinventou, inclusive com treinador novo. Apenas cinco dos 11 jogadores que iniciaram a histórica semifinal permanecem na equipe. A reformulação foi conduzida pela Federação Marroquina por meio da busca de talentos espalhados pela diáspora europeia, estratégia que manteve os Leões-do-Atlas entre a elite do futebol mundial.

 **Egito**
A Federação Egípcia de Futebol pediu à Fifa, ontem, a exclusão do árbitro francês François Letexier do restante da Copa do Mundo de 2026, denunciando “erros de arbitragem flagrantes” durante as oitavas de final, nas quais o Egito foi eliminado pela Argentina, ao perder por 3 x 2, de virada, na terça-feira, gerando reclamações dos africanos.

 **Croácia**
O treinador Zlato Dalic, que levou a Croácia à final da Copa do Mundo de 2018, anunciou, ontem, a demissão após nove anos no cargo, dias após a eliminação para Portugal. “É o momento certo para colocar um ponto final nessa aventura. Vou embora de coração cheio e orgulhoso por ter contribuído às maiores conquistas da história do futebol croata”, declarou.

 **Inglaterra**
O meio-campista inglês Jordan Henderson passou por uma cirurgia no braço esquerdo após uma queda accidental ao tentar passar por cima de uma placa de publicidade, logo depois da vitória da Inglaterra por 3 x 2 sobre o México. Henderson ficará de fora do restante do torneio, mas deve permanecer com a delegação da Inglaterra.

 **México**
O México oficializou, ontem, a nomeação do ex-zagueiro Rafael Márquez como o novo técnico da seleção de futebol, uma mudança que já era esperada após a eliminação na Copa do Mundo de 2026. Márquez, de 47 anos, apelidado de ‘El Káiser’, integrava a comissão técnica do treinador anterior, Javier Aguirre, e dará andamento ao projeto.

 **Argentina**
A torcida argentina, que empurrou a Albiceleste até o tricampeonato mundial conquistado na Copa do Catar em 2022 ao som do popular hino Muchachos, já tem um novo sucesso para incentivar a equipe. Intitulada La cuarta estrella (A quarta estrela), a música ganhou força nas arquibancadas e recebeu a aprovação definitiva dos próprios jogadores.

 **Portugal**
Astro de Portugal, Cristiano Ronaldo se manifestou com uma curta mensagem nas redes sociais após a eliminação da equipe portuguesa para a Espanha nas oitavas de final da Copa do Mundo. Em uma publicação no Instagram, o craque colocou na legenda “Portugal Sempre”. Ontem, ele desembarcou com os companheiros em Lisboa.